

A Essência da Vida

Capitu

Acabo de ler “O Diário de Cecília Assis Brasil”. Anotações sem fins literários, mas reunidas por Carlos Reverbel, resultam em um belo documentário da vida de uma família no campo durante o período de 1914 a 1928.

Cecília nasceu em maio de 1899, em Washington, DC. Seu diário tinha o objetivo de informar o pai, político, fundador do PL – Partido Libertador –, que viajava constantemente, das ocorrências do dia a dia no Castelo de Pedras Altas, bem como em outros pedaços de terra arrendada para acomodar o gado importado.

JF de Assis Brasil foi o maior criador mundial de gado Devon e outras raças.

Cecília dominava francês, inglês, literatura, embora não frequentasse escola e possuía também muitas outras habilidades. Plantava, tirava leite das vacas, preparava manteiga em grande escala, costurava, encadernava livros, marcava gado, montava e, se necessário, cozinhava para os peões. Enfim, uma mulher maravilha.

É patético constatar a versatilidade de uma pessoa que tinha suas maneiras refinadas tanto no Castelo de Pedras Altas quanto em ranchos modestos como Cochilha Grande e Berachi, Estância Nova, Chácara Bela Vista (pequenas áreas rurais localizadas no Uruguai).

É admirável ver como se desenvolvia a educação e instrução desta família nesta época. Como diz Carlos Reverbel: “Viviam na escola de trabalho de JF de Assis Brasil, tendo como culto o livro e o arado”.

Os relatos revelam a fidelidade das pessoas, o amor e respeito à natureza, o cuidado na forma de marcar o gado. Encantador o estilo de vida de uma família bem estruturada, tanto nas horas boas quanto nas de adversidades. Graves foram os acontecimentos políticos, revolução entre libertadores e chimangos.

Interessante constataremos nos relatos do dia a dia da família, a intimidade que conviviam com várias pessoas que entraram para nossa história, como Luiz Carlos Prestes, Coronel Pedro Osório, General Zeca Neto e outros.

Cecília de Assis Brasil teve um fim prematuro e trágico. Morreu fulminada por um raio aos 35 anos, quando cavalgava pela fazenda. Foi sepultada no próprio Castelo, em um local que estava reservado para seus pais, numa área denominada “Boa Viagem”.

Seu diário é, literalmente, um documento de grande importância no histórico rio-grandense.

“Acima de tudo ele traz uma lição de vida, valorizada pelo trabalho, pelo culto da natureza, pela busca do saber, pelo amor aos animais, pelo respeito ao homem do campo e a crença na felicidade pela agricultura.”